



ATC SCM11

Umas colunas de fibra

Felizmente, não é preciso gastar mundos e fundos para se conseguir um som de bom nível, como o que estas pequenas colunas, cheias de fibra, têm para oferecer.

Descrição técnica

A marca inglesa ATC, curiosamente fundada por um australiano, Billy Woodman, deu os seus primeiros passos em 1974, altura em que o seu mentor, engenheiro e pianista, saiu da famosa Goodmans, uma marca onde trabalharam muitos dos mentores de outras marcas conhecidas da actualidade. Para Woodman houve uma premissa muito simples que o

orientou desde o início: enquanto a maioria das colunas de alta-fidelidade tendiam a ser detalhadas e precisas mas com bastantes limitações em termos de dinâmica, contrariamente ao que se verificava no mercado profissional, que se regia por princípios quase opostos, o melhor seria fazer a junção destas filosofias para obter uma gama de produtos de elevado nível. Embora a ideia fosse bastante simples, a sua implementação levantou sérias dificuldades, pelo que a ATC acabou por avançar por uma linha de grande desenvolvimento e pesquisa, tornando-se, muito rapidamente, num dos nomes mais sonan-

tes no meio profissional. A construção de colunas activas e passivas para espaços abertos, salas de espectáculos e estúdios garantiu-lhe um elevado nível de conhecimento que acabou, naturalmente, por se estender à área da alta-fidelidade.

Para o sucesso da marca muito contribuiu o seu elevado nível tecnológico e a construção integral dos seus produtos. Aliás, rigor e inovação são das características mais evidentes dos seus altifalantes, como é o caso deste modelo SCM11, que utiliza nos cones dos altifalantes a nova tecnologia Constrained Layer Damping (CLD),

que lhes permite uma forte diminuição da distorção harmónica entre os 300 Hz e os 3 kHz, uma enorme extensão e uma boa imagem sonora; estas características acabam por ser bem evidentes na sonoridade deste modelo, como se verá.

A série *entry* dispõe de quatro modelos, três de prateleira e um de chão, as SCM40, de três vias, que apresentam a particularidade de utilizar um *tweeter* gigante de cúpula macia, bastante aclamado pelas suas qualidades, com 75 mm de diâmetro. Quanto às SCM11, o segundo modelo na hierarquia, apresentam-se com caixa fechada, o que contribui sobremaneira para a limpeza da sua sonoridade, e ostentam um altifalante de médios/graves bastante generoso, para as suas dimensões, com um diâmetro de 150 mm. Oferecem uma construção de muito bom nível e emanam um ar bastante agradável e evoluído do ponto de vista tecnológico. Os altifalantes de altas e médias/graves frequências encontram-se num painel de arestas boleadas, sobreposto na parte frontal das colunas, cobrindo-a quase totalmente, à excepção de uma pequena faixa na parte inferior, onde se situa o logótipo da marca. Na parte posterior encontram-se dois pares de fichas de boa qualidade, com 4 mm de diâmetro, para permitir a bicablagem. Quanto ao *tweeter*, de neodímio, com cúpula macia, é também outra das novidades da marca.

A gama de frequências estende-se dos 56 Hz aos 22 kHz; a sensibilidade, de 85 dB, não é das mais elevadas, mas não deve levantar problemas de maior a qualquer amplificador de qualidade, e recomenda-se qualquer coisa entre os 50 e os 300 W; o máximo SPL é de 108 dB; a impedância nominal é de 8 Ohm; a frequência de corte do *crossover* é aos 2,8 kHz; as dimensões são 380x211x250 mm (A x L x P); por último, um peso bastante apreciável, para o tamanho: 8,5 kg. Para maior segurança, desde que, evidentemente, não se verifique nenhuma utilização abusiva, a ATC oferece uma garantia de seis anos para qualquer um destes modelos.



Crítica auditiva

A colocação das colunas foi relativamente fácil de encontrar, bastaram uns pequenos ajustes para que obtivesse aquele que me pareceu o posicionamento mais favorável em termos sonoros. Com o recurso dos meus *stands* Target, de 60 cm de altura, acabaram por ficar a 70 cm da parede de trás e a um pouco mais de 1 m das paredes laterais, com uma ligeira inclinação para dentro. O facto de este modelo ser selado, sem pórtico de ventilação, acaba por facilitar a tarefa da colocação, já que é precisamente o controlo dos graves que levanta maiores problemas. As saídas *bass-reflex*, que concorrem para um incremento nesta zona do espectro, muitas vezes fazem-no com alguma exagerada galhardia e se forem colocadas no painel posterior maiores cuidados levantam em termos de colocação. Como se sabe, um grave demasiado ribombante, embora possa criar a ideia de um som forte, acaba por estragar a imagem estéreo e mascarar muitos dos pormenores subtis das peças musicais. Uma das principais qualidades das SCM11 é precisamente a sua capacidade na reprodução dos graves, sem estragar o resto, isto é, sem borrarem a pintura. Pelo contrário, a limpeza da ima-

gem e a sua boa dispersão criam, até, a sensação de uma ligeira secura tonal na gama média, que se reflecte em algumas situações, especialmente em algumas vozes femininas. É, com certeza, uma das consequências da tal tecnologia CLD que referi anteriormente, que evita a distorção nesta zona de frequências, mas que acaba, também, por criar uma sonoridade ligeiramente puxada para cima e uma pequena falta de corpo nas vozes; se calhar já estamos tão habituados à distorção que quando não existe nos parece menos natural. Não é um aspecto muito importante, até porque há situações em que mal se nota mas, por outro lado, é o único aspecto em que me parece haver algo a apontar, porque, de resto, fiquei bastante surpreendido com as qualidades destas colunas.

Para dar um exemplo do que referi, em *There for Me, Timeless*, de Sarah Brightman (CD), as vozes foram bem projectadas e bem definidas, permitindo uma leitura muito detalhada e precisa, num palco sonoro muito bem conseguido em termos laterais e com uma profundidade razoável. A sonoridade destas colunas, pela sua limpeza, pareceu-me próxima da que deve haver nos meios profissionais ao nível

TESTE ATC SCM11



dos estúdios. É tão reveladora e esclarecida que se torna fácil seguir as várias linhas musicais e as suas variações.

Claro que acabei por querer pôr ainda mais à prova este aspecto das vozes e fui logo buscar uma muito particular, mas nem por isso excepcional, a de Joe Cocker, em *unchain My Heart*, numa versão dos anos 90. Aquele pico tão característico de rouquidão não foi tão intenso, ganhou mais em vigor do que em palpabilidade, parece que tinha rejuvenescido uma década, como se houvesse um filtro a actuar mas que lhe retirou um certo calor. As tarolas da bateria, muito enérgicas e cheias de vivacidade, também sofrem um pequeno aligeiramento, soando mais secas e perdendo um pouco de impacte. Por outro lado, continuando ainda com este instrumento, o bombo é um verdadeiro regalo para os ouvidos, vigoroso, seguro e até poderoso. Ritmo, velocidade e alegria são outros aspectos muito bem conseguidos, como verifiquei na música *Coul You Be Loved*, de Bob Marley and the Wailers (CD), que foi reproduzida com uma atmosfera solta, fluida e articulada. Já com *Exodus*, do mesmo artista, que foi igualmente agradável de ouvir, acabei até por me surpreender pela forma como estas pequenas colunas se agigantam na reprodução dos graves. Sem serem extremamente profundos, também já era pedir demasiado, têm uma boa extensão, definição e segurança, bem ao nível de modelos de categorias muito superiores.

Passando para a colectânea da JMLab (CD), *Le Grand Spectacle du Son*, que

por várias vezes tenho referido, *Use Me*, de Junior Wells, teve uma entrada muito agradável, com uma focagem e uma articulação muito bem conseguidas, a harmónica cheia de vida e o baixo muito seguro. *One More Day*, de Friend'n Fellow, foi igualmente interessante de ouvir, com o jogo de vozes a ser muito bem apresentado, enquanto a guitarra soava enérgica e detalhada. Já a música de Jim Keltner, *Improvisation*, ajudou a perceber melhor, sem margem para dúvidas, se é que ainda existiam, o quanto detalhadas são estas colunas e a sua enorme capacidade informativa. Mesmo nos sons mais suaves conseguiram uma boa resolução e a bateria foi apresentada como um todo, muito firme e cheia de vida; acho que foi uma reprodução muito bem conseguida.

Em termos clássicos, continuando, ainda, com o disco anterior, *Introduction, Fortune*, de Carl Orff, não teve o impacte a que estou habituado, mas pautou-se por uma boa apresentação, detalhada e limpa. A profundidade não foi muito grande, embora fosse perfeitamente aceitável, e a imagem estéreo foi de muito bom nível. *Trittico*, de Vaclav Nelhybel, uma daquelas músicas verdadeiramente demolidoras, surpreendeu-me sobremaneira pela segurança e pelo poder como foi reproduzida e pela forma tranquila como estas colunas se portaram; simplesmente imperturbáveis, adorei. No extremo oposto das frequências, nada a criticar, os agudos são limpos e extensos, sem limitações nem asperezas, como deu bem para perceber em *Andante*,

do *Concerto N° 21*, de Mozart, em que se observou uma agradável maviosidade nas cordas.

Outra obra que me deu imenso prazer ouvir, pela forma enérgica e alegre como foi reproduzida, foi *Piano Concerto N° 1*, de Chopin (CD, Deutsche Grammophon), com a nossa fantástica pianista Maria João Pires. Um verdadeiro mimo esta execução e interpretação e que estas pequenas SCM11 souberam transmitir de um modo muito interessante. Notou-se uma pequena falta de profundidade, mas não foi suficiente para desvirtuar o bom nível da reprodução. Mesmo o piano me pareceu com mais corpo do que noutras obras ouvidas anteriormente, foi muito bem apresentado, com musicalidade, alegria e determinação.


Em jeito de final, não querendo parecer demasiado patriota, tenho de reconhecer que a voz que mais gostei de ouvir nestas colunas foi a de Amália, em *Gaivota, The Art of Amália* (CD), pela pujança, projecção, segurança e definição. A guitarra portuguesa, com o seu enorme rendilhado harmónico e vivacidade também foi muito agradável de ouvir.

Este modelo da ATC pode não oferecer aquele tipo de sonoridade que nos atrai de imediato mas tem, sem sombra de dúvidas, muita qualidade e argumentos mais que suficientes e justificados para merecer uma forte recomendação. Em relação ao preço, não sendo muito elevado, também não é dos mais acessíveis; a qualidade paga-se. Mas a questão é que me parece que a relação preço/qualidade é francamente favorável. Para quem ande à procura de umas colunas maneirinhas e não se importe de pagar um pouco mais para ter alguns brios que apenas se encontram em modelos de gamas mais altas, o melhor é marcar na agenda a audição obrigatória das SCM11.

Preço: 1.270,00 €

Representante: Exaudio

Tel.: 21 464 91 10



Não estamos a tentar adicionar mais. Estamos a tentar perder o mínimo. Há 40 anos era esta a filosofia de John Bowers, que se mantém viva na nossa nova série 600. Colunas que não adicionem, nem retirem nada, ao som original. Isso requer ciência de classe mundial – e ouvidos extremamente treinados. Porque uma vez seleccionados os componentes certos, começamos o longo e cuidadoso processo de afinação.

Ouvindo e refinando, vezes sem conta. Até que as frequências se combinam para criar um som tão verdadeiro, tão realista, que o desejará alcançar e tocar. *Dr. John Dibb, Engenheiro Chefe de Desenvolvimento e membro da Sociedade do Som, acerca da nova série 600.*

B&W Bowers & Wilkins

Listen and you'll see

www.artaudio.pt

Oferta de lançamento: na compra de um par de 685 oferta de suportes, consulte o agente autorizado B&W